

## INSUBMISSÃO E RESISTÊNCIA NO CONTO *ISALTINA CAMPO BELO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Luciana Marquesini Mongim\*

**RESUMO:** O artigo centra-se na leitura do conto *Isaltina Campo Belo*, da escritora Conceição Evaristo, a partir do estudo do exercício do ouvir e do narrar e do entrecruzamento de vozes presentes no texto. Como escolha estética, a narradora em primeira pessoa, no presente da narração, posiciona-se como ouvinte e como contadora dos relatos coletados a partir da conversa com a protagonista da história lhe dando voz. Ao fazer isso, a protagonista não assume apenas a função de contar as suas experiências de mulher negra e homossexual, marcadas pela subalternidade, desrespeito, preconceito, violência e dor, mas evidencia a sua insubmissão, uma vez que passa a ser (re)criadora de sua própria história, negando a representação feita pelo outro que sempre lhe coube. Estamos diante da enunciação de discursos minoritários também insubmissos que desconstruem a ideia de homogeneidade e produzem-se a partir de outros lugares de enunciação. O movimento analítico será fundamentado pelos pressupostos das teorias discursivas e enunciativas de Mikhail Bakhtin e Michel Foucault.

**Palavras-chave:** Discursos minoritários. Lugar de enunciação. Sexualidade. Violência. Literatura Afro-brasileira.

**ABSTRACT:** The article focuses on the reading of the short story *Isaltina Campo Belo*, by the author Conceição Evaristo, based on the study of the exercise of listening and narration and the interlacing of voices present in the text. As an aesthetic choice, the narrator in the first person, in the present of the narration, positions herself as a listener and as an accountant of the reports collected from the conversation with the protagonist of the story giving voice to her. In doing so, the protagonist does not only assume the role of telling of her experiences of black and homosexual women, marked by subalternity, disrespect, prejudice, violence and pain, but it reveals her insubmissions once she becomes the creator of her own history, denying the representation made by the other who always belonged to him. We are faced with the enunciation of equally insubordinate minority discourses that deconstruct the idea of homogeneity and are produced from other places of enunciation. The analytical movement will be grounded by the assumptions of the discursive and enunciative theories of Mikhail Bakhtin and Michel Foucault.

**Keywords:** Minority speeches. Place of enunciation. Sexuality. Violence. Afro-Brazilian literature.

No conto *Isaltina Campo Belo*, publicado no livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), Conceição Evaristo elege o ponto de vista de duas mulheres negras para contar as experiências vividas pela personagem que dá nome à narrativa. A partir dessa perspectiva e do entrecruzamento de vozes, o texto aborda o processo de (re)constituição identitária, marcado por formas diversas de dominação e violência, e a enunciação de discursos minoritários que

---

\* Doutoranda do curso de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração Estudos Literários, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: luciana.marquesini@gmail.com

desconstroem a ideia de homogeneidade e produzem-se a partir de lugares de fala subalternizados. As vozes que falam no conto são apresentadas, no início do texto, por meio do relato do encontro entre essas duas mulheres:

Isaltina Campo Belo me recebeu com um sorriso de boas-vindas acompanhado de um longo abraço. [...] Gostei tanto que espero a repetição desse abraço na saída. E soltamos uma gargalhada, como se fôssemos antigas e íntimas companheiras. A sonoridade de nossos risos, como cócegas no meu corpo, me dava mais motivo para gargalhar e creio que a ela também. E foi tudo tão espontâneo, que me recordei de algo que li um dia sobre o porquê das mulheres negras sorrirem tanto. [...] E quando os nossos risos serenaram, ela me agradeceu pelo fato de eu ter passado pela casa dela, para colher a sua história. (EVARISTO, 2011, p.48-49)

Como forma de estabelecer a aproximação entre elas, a narradora e também ouvinte de Campo Belo continua seu relato, reforçando a identificação entre mulheres negras ressaltada no fragmento citado acima:

Campo Belo, como gostava de ser chamada, dentre outros detalhes, tinha uma idade indefinida, a meu ver. Se os cabelos curtos, à moda black-power, estavam profundamente marcados por chumaços brancos, denunciando que a sua juventude já tinha ficado há um bom tempo para trás, seu rosto negro, sem qualquer vestígio de rugas, brincava de ser o de uma mulher que no máximo teria quarenta anos. (EVARISTO, 2011, p. 49)

A descrição física do corpo de Campo Belo, sobretudo do “rosto negro” que parecia “brincar” com a idade dela, marca o compartilhamento das experiências vividas por elas no corpo de mulher negra. É no corpo que as marcas de dominação tornam-se visíveis, uma vez que a construção da imagem do “outro” como inferior, no caso do negro, passa pelas marcas corporais percebidas como sinais naturais de inferioridade. O corpo, no entanto, é também elemento significativo no processo de produção de representações e estratégias de resistências nesse contexto. Na citação, a narradora descreve positivamente essas marcas corporais, revertendo o discurso que atribui às características físicas associadas ao corpo negro como imperfeição estética. Ao fazer isso, não enfatiza o corpo negro apenas em seu sentido físico e como o principal elemento que as aproxima, mas reforça as formas semelhantes dos processos de exclusão e discriminação aos quais estiveram e ainda estão submetidos os sujeitos que possuem um corpo negro e, no caso do conto, também um corpo de mulher.

Seguindo em sua tarefa de ouvir e contar, a narradora, em primeira pessoa, no presente da narração posiciona-se como ouvinte, como quem “colhe” as histórias, e como contadora dos relatos coletados a partir da conversa com a protagonista da história narrada. A narradora-ouvinte, por assim dizer, ao longo do texto, cede o espaço para a própria protagonista dizer: “Desde menina –

assim começou Campo Belo, com a foto de Walkíria nas mãos – eu me sentia diferente” (EVARISTO, 2011, p. 49). É assim que Campo Belo toma a fala e inicia a sua narrativa.

Campo Belo assume a posição de sujeito de enunciação e fala de um lugar pouco conhecido na literatura brasileira. Ao fazer isso, não assume apenas a função de contar a sua trajetória, mas passa a ser (re)criadora de sua própria história, negando a representação estereotipada feita pelo outro. Esse movimento é permitido, no conto, pelo lugar de ouvinte de sua narrativa que assume a narradora. A leitura do texto, portanto, coloca o leitor em contato não apenas com o relato das experiências de uma mulher que, ao negar-se a continuar vivendo a partir dos padrões identitários de sexualidade e gênero, passa por um árduo processo de (re)constituição identitária marcado pela subalternidade, desrespeito, preconceito, violência e dor, mas também com o exercício do ouvir e do narrar como estratégia estética que se aproxima da ética.

Ao ceder voz à personagem, a narradora-ouvinte reduz o distanciamento entre as vozes narrativas. A mediação reveste-se de respeito à voz e à experiência alheia, aliada à identificação com as dores vividas no corpo de mulher negra. No exercício do ouvir e do narrar, os tempos da narração e da história entrecruzam-se, e a cena trazida do passado, pela voz daquela que viveu o acontecimento da narrativa, confere ao relato não apenas maior impressão de veracidade, mas também é o modo pelo qual a narradora reforça a importância de ceder o espaço àquela voz que precisa ser ouvida e que não pode mais ser silenciada. Sendo assim, preocupa-se em explicar e marcar seu espaço dentro do texto: “Não fiz uma interferência, nenhuma pergunta. Guardei silêncio, o momento de fala não era meu” (EVARISTO, 2011, p. 49).

A relação entre o saber ouvir e a memorização de experiências do outro enfatiza a necessidade da narradora-ouvinte de falar por si e pelos seus. Esse sujeito de enunciação, ao mesmo tempo individual e coletivo, volta-se para a construção de uma imagem da mulher negra que desconstrói os estereótipos e não permite esquecer o passado de sofrimentos e, sobretudo, de resistência à opressão. Essa presença do passado como referência para as demandas do presente confere à escrita uma dimensão histórica e política.

Não é um olhar que tem apenas a função de observar a protagonista e conduzir o leitor por sua história, como um narrador observador clássico, igual a tantos outros que circulam no campo das narrativas de ficção brasileira. Narradores que ora se distanciam dos sujeitos e dos espaços narrados e ora, sob olhares curiosos e interessados, aproximam-se e captam seus gestos e falares. Também não é uma voz narrativa que valoriza e que toma como seu o ponto de vista de suas

personagens, “dando voz” ao sujeito representado. A proximidade do universo narrado, por pertencer a ele e não apenas por se dispor a ficcionalizá-lo, apaga o distanciamento estético entre a experiência da personagem, da narradora e da própria autora. São instâncias narrativas que estão imbricadas e que vão para além da *mimese* representativa, pois não se trata de apenas fazer uma descrição do que vê ou, no caso do conto, ouve-se, mas de imprimir um ponto de vista marcado por uma subjetividade formada pelas vivências de mulher negra na sociedade brasileira assim como ressalta a própria escritora:

Asseguro que a minha condição étnica e de gênero, ainda acrescida de outras marcas identitárias, me permite uma experiência diferenciada do homem branco, da mulher branca e mesmo do homem negro. A minha experiência pessoal influencia a minha escrita conduzindo o ponto de vista, a perspectiva, o olhar que habita meu texto. (EVARISTO apud DUARTE, 2011, p. 115)

O entrecruzamento de vozes, no conto, resgata o narrador-ouvinte que, além de ceder a voz à experiência da protagonista, esclarece de que maneira teceu os discursos das narradoras como vimos no relato do encontro entre essas mulheres negras que dividem o lugar de enunciação e evidenciam o ponto de vista do qual expressam sua visão de mundo compartilhada. Na página de abertura do livro, encontra-se a exposição do processo de elaboração artística da autora, que também nos fornece algumas informações sobre o modo de organização de suas narrativas:

Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E, no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. [...] Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência. (EVARISTO, 2011, p. 9)

No conto, a escrita está, portanto, relacionada à vivência, ao vivido, que passa pela etnicidade que atravessa o texto e pelo sujeito de escrita e reconfigura-se como estratégia para driblar o racismo institucional e como processo de construção de um discurso identitário e de resistência. Elaborar-se, assim, outro sistema de representação da mulher negra. Conceição Evaristo, portanto, propõe nesse conto o trabalho de traduzir a escrita feminina em relação à sua vivência subalternizada a partir do desejo de conhecer o relato do outro e o desejo da protagonista de compartilhar sua trajetória. O contar a voz de quem viveu a experiência e o mediar a fala do outro

toma relevância no texto, uma vez que, nesse processo, as vozes fundem-se em uma voz que conta as experiências únicas e intransferíveis, registradas no espaço da escrita. A narradora, nesse conto, cede a palavra ao “outro” triplamente marginalizado, pois se trata de uma mulher, negra e homossexual. É um eu enunciador carregado de outros. A enunciação coletiva de que falamos realiza-se na própria elaboração do texto, pois a história é narrada por duas mulheres e há o comprometimento do narrador-ouvinte com o lugar de onde fala e com o sujeito que narra. Essa impossibilidade de ser um por ser vários traduz a potência de sua escrita de ser e de fazer-se coletivamente, como uma questão comum ao conjunto das alteridades de classe, de gênero, étnica e cultural. É aí que se confirma o argumento sobre a potência coletiva do conto, pois uma experiência torna-se partilhada quando parte de ações comuns, que problematizam os modos de percepção de si mesmo e do “outro”, relacionando, portanto, a estética e a ética.

A construção da figura do “outro” não está vinculada à presença de uma primeira pessoa que traduz a experiência subjetiva diante dele, que lhe é estranho. Esse conto apresenta um lugar de enunciação que não mais silencia a alteridade representada, mas evidencia a possibilidade de voz e de outra representação dessa mesma alteridade. Essa escrita situa-se na discussão em que as narrativas ficcionais e as produções poéticas engendram estratégias de resistências aos pressupostos que definem quem está dentro ou fora dos espaços centrais de poder e saber. Possui, portanto, importância no processo de entendimento de si mesmo e do “outro”, pois desloca a percepção e a compreensão do cotidiano que nos cerca ao fornecer representações que geram a produção de outros sentidos e significados sobre os sujeitos subalternizados.

Essa reversão de olhares identificada na narrativa analisada nos remete à política do lugar de onde é possível falar, ou seja, de onde é permitido falar. No texto analisado, há a reivindicação de uma posição discursiva. Em uma perspectiva proposta por Michel Foucault (1996), o conto de Conceição Evaristo destoa, por assim dizer, das formas dizíveis, uma vez que o discurso, pensado como prática construída, é submetido a regras de regularidade que não existem *a priori*, mas existem no próprio nível do discurso e são necessárias para que se constitua em um saber. Assim, enunciados, textos, instituições, falar e ver constituem-se em práticas sociais amarradas às relações de poder que delimitam uma forma de ver e de fazer ver algo. As práticas discursivas estariam permeadas por relações de poder que cerceiam e controlam os discursos na sociedade. Ao se impor um discurso, ao “outro” somente cabe calar. Os que não têm voz, geralmente, vivem entre o não

ter o que dizer, por consideram-se incapazes, e o não conseguirem se fazer ouvir. Conforme o teórico,

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1996, p. 8-9)

O domínio do discurso, nessa perspectiva, apresenta-se de forma centralizada nas lutas políticas travadas na sociedade. Portanto, o discurso “[...] não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder de que queremos nos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10). Esse controle do discurso traduz-se na restrição do direito à fala àqueles que não preenchem requisitos sociais pré-determinados. Nem todos têm direito à fala, muito menos ao reconhecimento e legitimação do que dizem. Nesse sentido, quando falamos aqui em voz, nos referimos à voz em seu sentido político, como aquela que se dá a partir da apropriação da palavra que rompe com as ordens discursivas dominantes.

O entrecruzamento de vozes presente no encontro entre essas mulheres negras que dividem o lugar da fala no conto também nos aproxima dos princípios teóricos de Mikhail Bakhtin (2010), para fundamentarmos essa discussão. O teórico ressalta a relação entre enunciação e interação social e apresenta uma concepção de linguagem que tem como princípio o dialogismo, o que demanda um olhar para além do estritamente linguístico. Considera, a partir da perspectiva da representação e dialogização estéticas das linguagens sociais, que a voz de uma personagem pode ser coletiva devido à natureza dialógica do discurso. Nesse sentido, apresenta a seguinte conclusão sobre o sujeito que fala no romance:

O sujeito que fala no romance é um *homem essencialmente social*, historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem social (ainda que em embrião), e não um ‘dialeto individual’. (...) O sujeito que fala no romance é sempre, em certo grau, um *ideólogo* e suas palavras são sempre um *ideologema*. Uma linguagem particular no romance representa sempre um ponto de vista sobre o mundo, que aspira a uma significação social. Precisamente enquanto ideologema, o discurso se torna objeto de representação no romance e, por isso, não corre o risco de se tornar um jogo verbal abstrato. (BAKHTIN, 2010, p. 135, grifos do autor)

Bakhtin (2010) não propõe que a análise estilística reduza-se a uma descrição de elementos verbais. Para ele, a língua é apenas uma construção ideológica de forças sociais centralizadoras e que tende a nos afastar da realidade linguística. Essa realidade é constituída por um conjunto

indefinido de linguagens sociais, que não se distinguem somente como marcas léxico-gramaticais, mas como modos específicos de ver o mundo. As linguagens sociais, nesse sentido, estabelecem relações dialógicas e estão na base da ideia de discurso formulada pelo teórico. O discurso constrói-se por meio de enunciados e cada enunciado carrega outros enunciados. Isso significa dizer que, por meio do discurso, podemos nos colocar em diálogo com o “outro”, confirmando a nossa condição de sujeito, uma vez que o “eu” somente existe em oposição ao “outro”. O caráter dialógico, plurilingual e polifônico do discurso do romance ressalta a inserção da fala do “outro” no discurso do narrador. No romance, a pessoa que fala é representada na condição de imagem de linguagem e não como uma individualidade. As personagens só existem devido às palavras que podem trocar entre si, e cada uma delas é representante de uma ideologia que traz para o texto sua própria forma de julgar e compreender a realidade social.

A concepção de linguagem, tendo como princípio básico o dialogismo, recusa o eu individualizado e propõe um nós, um sujeito social que se marca por uma atividade diferenciada, que se dá no nível ideológico, no grau de consciência em relação à orientação social. É um sujeito resultante da relação conflituosa entre “eu e o outro” inserido na memória e na história. Nessa perspectiva, todo enunciado/texto existe em relação a outros enunciados, ou seja, todo discurso traz algo do discurso de outrem e ao mesmo tempo é realizado e absorvido para outros e por outros. Nesse sentido, o dialogismo passa a ser uma condição constitutiva do sentido. Como ressalta Bakhtin (1999), um enunciado, ou um discurso não pode ser compreendido se não for estudado em seu aspecto dialógico, pois

[...] o centro organizador de toda enunciação, de toda a expressão, não é interior, mas exterior, está situado no meio social que envolve o indivíduo. Toda palavra é ideológica e toda a utilização da língua está ligada à evolução ideológica, a estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social, a enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. (BAKHTIN, 1999, p. 121)

A escrita do conto, nesse contexto, parece ser a enunciação de um campo social marcado por conflitos, e a elaboração do conceito de representação aproxima-se da formulação de subjetividade coletiva e política, articulando estética e ética. Significa assumir que aos excluídos cabe falar, cabe questionar a imagem da alteridade e, além disso, definir seus próprios modos de fazê-lo.

Isaltina Campo Belo, enquanto fala à sua ouvinte, rememora atos violentos contra seu corpo, a maternidade e os conflitos gerados a partir das condições do ser mulher negra e



homossexual. Teve uma filha, Walquíria, que “se fez sozinha” no corpo da mãe que somente percebeu a gravidez quando a criança estava por nascer. A criança, fruto de um estupro, cresceu sem saber quem era o pai dentre os cinco rapazes que violentaram Campo Belo com o pretexto de ensiná-la “a ser mulher”.

A personagem nega o próprio feminismo que exclui do campo de análise qualquer tipo de diferença que não se constitua na dicotomia homem/mulher e universaliza as experiências de opressão. Traz à cena, portanto, outras concepções de feminismo que não são englobadas por essa diferenciação binária ao questionar o fato de que nem todas as mulheres possuem a mesma identidade sexual. Assim, não se deve pensar exclusivamente em termos de gênero, pois as diferenças entre homens e mulheres ou entre mulheres, por exemplo, fazem com que as identidades não possam ser categorizadas por meio de diretrizes fixas. Nesse contexto, o gênero não pode mais ser concebido como uma qualidade inerente aos indivíduos, sendo reconceitualizado “[...] enquanto sistema de significação [...]”, assim como o sexo, que também é “[...] tão construído quanto o gênero, ou seja, não existe um sexo pré-discursivo que funciona como referência a partir do qual os gêneros são construídos culturalmente [...]” (LIMA, 2006, p. 100).

No final da narrativa de sua história, como forma de encerrar o conto, Campo Belo consegue ter outra percepção e se vê como mulher igual as demais, rompendo com a posição de submissão, dominação e violência na qual foi colocada.

Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejam o homem. E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas as que ali estavam. Busquei novamente o olhar daquela que seria a primeira professora da minha filha e com quem eu aprenderia também a me conhecer, a me aceitar feliz e em paz comigo mesma. (EVARISTO, 2011, p. 57)

No entanto, o que nos chama a atenção é todo o processo violento e doloroso pelo qual passou até chegar a essa compreensão. As relações de gênero presentes no conto rompem com o conformismo do sistema heterossexista proposto pela sociedade, ampliado pela homossexualidade feminina. Nesse sentido, em uma sociedade patriarcal, em que o heterossexismo é universal e inquestionável, o homossexual fica confinado a um lugar minoritário, subalterno. Na história de Campo Belo, há a denúncia dos estereótipos que rotulam as mulheres, principalmente as negras.

A narradora dá voz a uma mulher que viveu uma vida heterossexual, mas que nunca conseguiu encontrar a felicidade até o momento em que se envolve com outra mulher. Ressalta,



portanto, a dificuldade que Campo Belo enfrenta para aceitar sua identidade e se sentir aceita em um contexto social marcado pelos padrões identitários de sexualidade e gênero, em que a divisão entre os sexos é socialmente construída como natural e adquire reconhecimento e legitimação. Esse processo vivenciado pela protagonista não se dá sem conflito e tensão com a própria família.

Desde a infância a personagem luta por um reconhecimento e, sem sucesso, segue até a idade adulta com o sentimento de ser uma pessoa diferente e de ter dentro de si um menino. O sentir-se diferente, vivenciado por Campo Belo, relaciona-se à noção de desvio de uma norma estabelecida socialmente. A partir da perspectiva do “padrão” heterossexual, que conduz à associação entre a orientação sexual e o corpo biológico, meninos devem desejar meninas e vice versa. Sendo assim, Campo Belo deveria ter nascido menino, já que deseja outras meninas. E diante da incompreensão e sentindo-se estrangeira em seu próprio corpo, vive um constante movimento de fuga. A protagonista é, de forma violenta, moldada por uma visão que associa o sexo biológico ao desejo sexual e, por isso, sente-se inadequada e fora do lugar, como explica: “Lembro-me que fui invadida por certo sentimento, que não sei explicar até hoje, uma sensação de estar fora do lugar” (EVARISTO, 2011, p. 53).

Seguindo em sua tarefa de narrar, relata uma infância sem muitas dificuldades. Apesar de ser feliz, uma única dúvida rondava a vida de Campo Belo:

Eu me sentia menino e me angustiava com o fato de ninguém perceber. Tinham me dado um nome errado, me tratavam de modo errado, me vestiam de maneira errada... Estavam todos enganados, eu era menino o que mais me intrigava era o fato de minha mãe ser enfermeira e nunca ter percebido o engano que todos cometiam. (EVARISTO, 2001, p. 50)

O sentimento de ódio e de amor pela mãe a acompanha nesse processo. Ódio por ela ser enfermeira e nunca ter percebido o menino que havia dentro dela e por não poder falar disso com ninguém, pois não a compreendiam. A percepção de Campo Belo sobre si mesma se constitui a partir de uma noção dualista homem/mulher. Ao reconhecer seu corpo como um corpo feminino, sente-se confusa por ter sentimentos que diferiam do que era esperado: “O que me confundia era o caminho diferente que os meus desejos de beijos e afagos tendiam” (EVARISTO, 2011, p. 54).

Aos seis anos de idade, uma crise de apendicite e a necessidade de ser levada ao hospital para fazer uma cirurgia em decorrência da doença fez com que a esperança da descoberta de sua verdadeira condição ressurgisse. Para ela, seria o momento revelador tão esperado, pois o médico teria de abri-la e, inevitavelmente, descobria o menino que havia dentro dela.

Apesar da dor, eu quase sorria e desejava que tal fato acontecesse. Ali estava a minha chance. O médico iria descobrir quem eu era, lá por debaixo de mim, e eu contaria para todos. Então, o menino que eu carregava e que ninguém via, poderia soltar as suas asas e voar feliz. (EVARISTO, 2011, p. 51)

Mas o esperado não ocorre. Nem o médico, nem a mãe, que era enfermeira, “descobrem” o menino que havia dentro dela. Outro fato que marcou seu processo de construção identitária, pautado pela repressão e pela incapacidade de perceber-se a partir dos modelos estabelecidos, foram os “primeiros sangramentos menstruais” de sua irmã. Mais uma vez relata sentir-se fora do lugar. As características atribuídas ao corpo pela cultura causam o sentimento de inadequação a Campo Belo, fazendo com que rejeite o próprio corpo.

Eu via e sentia o meu corpo parecer com o de minha irmã e se diferenciar do porte do meu irmão. Eu já sabia que a história do sangue mensal era nossa, isto é, de mulheres. Sabia também que só o corpo da mulher podia guardar dentro dele um bebê. Eu via o meu corpo menina muitas vezes gostava de me contemplar. O que me confundia era o caminho diferente que meus desejos de beijos e afagos tendiam. E, por isso, acabei de crescer, contida. Amarrava os meus desejos por outras meninas e fugia dos meninos. Toda a minha adolescência, vivi um processo de fuga. (EVARISTO, 2011, p. 53-54)

Diante da dificuldade de compreensão, encarcerada em seu próprio corpo que lhe parecia estranho e sentindo-se inadequada, Campo Belo, com vinte e dois anos, resolve sair de casa e buscar um mundo que fosse um lugar para si: “resolvi buscar um mundo que me coubesse. Mas que me coubesse sozinha” (EVARISTO, 2011, p. 54). A fuga e a necessidade de esconder-se funcionam como uma forma de proteção, no entanto, paradoxalmente, é também uma forma de opressão.

É nesse momento de sua vida que Campo Belo conhece um rapaz. Ele a faz acreditar que entenderá as diferenças que vivia e sentia. Mas não é isso o que acontece. Ela depara-se com o estereótipo e com o preconceito de raça e gênero, como narra no fragmento:

Ele, sorrindo, dizia não acreditar e apostava que a razão de tudo deveria ser algum medo que eu trazia escondido no inconsciente. Afirmava que eu deveria gostar muito e muito de homem, apenas não sabia. Se eu ficasse com ele, qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre sexo entre um homem e uma mulher acabaria. Ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher. E afirmava, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois, afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra... (EVARISTO, 2011, p. 55)

A postura do personagem masculino, nesse trecho do conto, relaciona-se com a crença na superioridade dos homens e no dualismo homem/mulher, segundo o qual o masculino é dominante e o feminino é submisso. Sendo assim, nesse lugar, os homens executam também a função de

definir o outro. Além disso, a repetição da expressão “mulher negra” como uma pessoa que deveria se sentir atraída por homens reforça o estereótipo das mulheres negras vistas como símbolos sexuais e a crença na heterossexualidade como natural.

Com a ajuda de mais quatro amigos, o rapaz estupra Campo Belo. A relação de dominação, nesse momento da narrativa, inscreve-se a partir da violência sexual. Além disso, o estupro acontece em meio a essa busca da personagem pela identidade e seu sentimento de não pertencimento: “Cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão de meu corpo. Diziam, entre eles, que estavam me ensinando a ser mulher. [...] Sentia-me o símbolo da insignificância. Quem eu era? Quem era eu?” (EVARISTO, 2011, p. 56). A intenção não era somente de fazê-la “mulher”, como tentaram justificar, ou de posse sexual e de dominação, mas também era de violentá-la moralmente, por ela ser mulher, negra e por ter rejeitado um homem. O questionamento da protagonista, no final da citação, reforça sua busca conflituosa e dolorosa pela construção de sua identidade marcada pela dificuldade de perceber-se a partir dos modelos estabelecidos e também a partir de identidades outras.

Ao levar a filha à escola, pela primeira vez Campo Belo entende que pode se apaixonar por alguém e que esse alguém pode ser uma mulher. Entende, principalmente, que nem por isso deixaria de ser mulher como nos explica no fragmento a seguir:

Não havia um menino em mim, não havia nenhum homem dentro de mim. [...] Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejam o homem. E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas que ali estava. (EVARISTO, 2011, p. 57)

Campo Belo modifica, ao longo da narrativa, sua noção de identidade. Passa da rejeição do seu corpo, do sentimento cruel de não pertencimento, de reconhecer-se como estranha por não se enquadrar nos “padrões” sociais, à compreensão da não relação do corpo biológico ao desejo sexual. Assume seu relacionamento com outra mulher, reconfigurando sua identidade sexual e familiar. Ao fazer isso, desestabiliza a noção do que é natural, certo e moral e rompe com o paradigma heterossexual, constituindo outra visão de mundo. A partir da contestação de parâmetros patriarcais e sexistas e da recusa da heterossexualidade imposta por meio da violência, a personagem tornar inteligíveis outras identidades de mulher. Provoca, por assim dizer, um deslocamento da geopolítica do conhecimento, uma vez que coloca a crítica da subalternização a partir da perspectiva dos conhecimentos invisibilizados, ou seja, traduz-se como forma de

reconhecimento de conhecimentos “outros” que emergem de formas de ser, de pensar e de conhecer diferentes das hegemônicas. É uma maneira de pensar e uma voz que pretende falar sem a presença do “outro”.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica, v. 4, p.103-116. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

LIMA, Ana Cecília A. Estudos de gênero: do ser ao (des) fazer. In CAVALCANTI, Ildney; LIMA, Ana Cecília; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). **Da mulher às mulheres**: dialogando sobre literatura, gênero e identidades. Maceió: EDUFAL, 2006, p. 94-104.

[Recebido: 20 out. 2016 – Aceito: 18 nov. 2016]